



## **Jornalismo em quadrinhos: Mediações experimentais entre comunicação e artes<sup>1</sup>**

Iuri Barbosa Gomes<sup>2</sup>

Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, MT

### **Resumo**

Em tempos de hipertextos midiáticos e das sempre renovadas condições tecnológicas, a convergência de linguagens e a criação de modelos comunicacionais híbridos têm se tornado uma tendência. O jornalismo em quadrinhos se atualiza na convergência entre comunicação e arte. A condição de modelo híbrido do jornalismo em quadrinhos se evidencia e se justifica como forma experimental de produção e apresentação de uma notícia. Neste trabalho analisam-se as características do JHQ, tendo como foco o livro-reportagem *Palestina, Uma Nação Ocupada*, de Joe Sacco. Trata-se de um modelo experimental, já reconhecido pela crítica no campo dos quadrinhos e do jornalismo, que põe em relação a linguagem do jornalismo, da história em quadrinhos, da fotografia e do documentário.

**Palavras-Chave:** Jornalismo em quadrinhos; Joe Sacco; convergência; linguagens.

### **Introdução**

O termo *jornalismo em quadrinhos* é recente e por isso, de forma paradoxal, apresenta um quê de novidade antiga. Antes de o JHQ surgir como uma opção e experimentação comunicacional, as charges e as tiras já ilustravam as páginas de periódicos informativos. A fotografia surgiu depois e também com esse caráter ilustrativo, ganhando posterior importância inclusive como um braço do jornalismo – o fotojornalismo. Com o passar do tempo, as histórias em quadrinhos ganharam outros contornos e deixaram de ser consideradas *subarte* ou *subliteratura*, influenciando outros campos, inclusive o da comunicação (LUYTEN, 1984: p.08).

A questão que este artigo propõe é caracterizar a amálgama entre o jornalismo, o formato dos quadrinhos – união que muitos já afirmam ser um novo gênero jornalístico, o *jornalismo em quadrinhos* – e a fotografia. Esta vem como suporte para situar a realidade junto à apuração jornalística, já que os quadrinhos dão a liberdade estética de

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no NP – Jornalismo do NP – Intercom, do XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado de 2 a 6 de setembro de 2008 pela Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom), em Natal, RN, Brasil.

<sup>2</sup> Jornalista, quadrinista e aluno do Programa de Pós-Graduação – Mestrado – em Estudos de Cultura Contemporânea da Universidade Federal de Mato Grosso (ECCO-UFMT), linha de pesquisa em Comunicação e Mediações Culturais. Membro do Núcleo de Estudos do Contemporâneo (NEC-UFMT), em Cuiabá, MT, Brasil.  
E-mail: i\_b\_gomes@hotmail.com



se estilizar personagens e de se utilizar recursos comuns às HQ, que, numa primeira leitura, fogem do caráter sério atribuído ao jornalismo – onomatopéias, por exemplo.

A linguagem do quadrinho (...) é, muito mais, uma forma de manifestação estética. (...) A linguagem do quadrinho sequer tem a pretensão à verossimilhança postulada pela arte românica ou realista do final do século XIX (ARBEX, 2004: p.07).

O maior nome do *jornalismo em quadrinhos* é o do jornalista maltês Joe Sacco, que popularizou e foi o percussor moderno dessa interface aparentemente incomum. Vale ressaltar, porém, que apesar de o termo *jornalismo em quadrinhos* ser recente, Ângelo Agostini já fazia reportagens em HQ no século XIX<sup>1</sup>, bem antes, portanto, de Joe Sacco. Este, na verdade, aperfeiçoou a abordagem tendo às mãos a miríade de instrumentos que viabilizam esse tipo de trabalho, como máquinas fotográficas, gravadores para as entrevistas, além do suporte informativo e imagético da Internet.

As *comics* – denominação dada às HQ nos Estados Unidos – chegaram a figurar como fator de capital de venda de jornais (LUYTEN, 1984: p.10). Ou seja, não é de hoje que as HQ permeiam páginas de jornais e revistas, e o próprio universo jornalístico parece andar de mãos dadas com as HQ – vide alguns personagens como o Super-Homem, que quando não está salvando o mundo é o jornalista Clark Kent; Peter Parker, que ganha a vida como fotógrafo *free lancer* e cuja identidade secreta é a do Homem-Aranha; ou mesmo Tin Tin, um misto de jornalista e *Indiana Jones* com seu fiel escudeiro, o cachorro Milou.

Talvez a maior diferença, porém, das antigas *comics* para o que se propõe neste aqui é que a junção entre essas duas áreas aparentemente distintas – jornalismo e história em quadrinhos – faz nascer um produto que é calcado numa prática semiológica (CIRNE, 1972: p.17), sem, contudo, se desvincular da realidade e dos preceitos jornalísticos.

### **Jornalismo: epistemologia prática cotidiana**

As práticas jornalísticas tiveram início na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos, e a simples busca pela informação (*news-gathering*) foi responsável pelo surgimento dos gêneros jornalísticos que hoje estão em voga (NEVEU, 2006: p. 22-23). É fácil perceber que cada um desses gêneros ganhou ao longo de tempo – em especial após a Revolução



Industrial – uma série de adendos na forma de como apresentar a notícia à sociedade, ganhando outros contornos comunicacionais.

“A essência do jornalismo é a informação da atualidade, ou seja, de fatos, situações e idéias que estão ocorrendo, desenrolando-se ou atuando em e sobre determinada comunidade no momento preciso de sua manifestação” (BELTRÃO, 1980: p. 14).

Essa informação da atualidade exige um interesse abrangente calcado na lealdade à sociedade (MARTINS, 2005: p. 33). Cabe ao jornalista apurar o olhar jornalístico para perceber o que é notícia, o que causa interesse público – procurando sempre levar em conta a ética que substancia a sociedade:

“(...) notícia está no curioso, não no comum; no que estimula conflitos, não no que inspira normalidade; no que é capaz de abalar pessoas, estruturas, situações, não no que apascenta ou conforma; no drama e na tragédia e não na comédia ou no divertimento” (NOBLAT, 2003: p. 31).

Nesse cenário expandido pela modernidade, o jornalismo é obrigado a acompanhar o desenvolvimento tecnológico que envolve a mídia – participando, assim, da reordenação do espaço e do tempo no mundo moderno (THOMPSON, 1998: p.135). Hoje as diversas tecnologias permitem que a comunicação – seja ela impressa ou audiovisual – exiba um caráter ritualístico: a aldeia global de McLuhan espraia não só informações, mas costumes e culturas.

O jornalismo entra como parte integrante do emaranhado de costumes sociais, como um meio de informar e também como mais um tijolo usado no muro que edifica o simulacro da realidade vigente e construída socialmente. O jornalismo se porta, ainda, como a sentinela da ordem social, seja para mantê-la ou para destruí-la, um espelho da consciência crítica de uma comunidade em um determinado espaço de tempo (NOBLAT, 2003: p. 21).

A reportagem, cujo nascimento está ligado à cobertura da Guerra de Secessão (NEVEU, 2006: p. 23), para nós ganha especial atenção por se tratar de um gênero jornalístico que humaniza o fato noticiado (cujo caráter é atual) relacionando a um contexto maior – mesmo que no perímetro do assunto em questão. Não que a notícia diária ou mesmo os *fait-divers* (DEJAVANTE, 2006: p. 56) não sejam ilustráveis, mas o caráter de imediatismo deles vai contra o fazer minucioso do *jornalismo em quadrinhos* – tarefa que no corre-corre de uma redação – por mais afastada da imagem



romântica retratada nos filmes<sup>3</sup> – seria difícil de ser feita com o esmero que a proposta apresenta por Joe Sacco.

Os pilares da linguagem jornalística são os “registros de linguagem, o processo de comunicação e os compromissos ideológicos” (LAGE, 1998). A língua do país – escrita e falada – é entendida como registros. A linguagem jornalística “é basicamente constituída de palavras, expressões e regras combinatórias que são possíveis no registro coloquial e aceitas no registro formal” (LAGE, 1998: p. 38).

O processo de comunicação diz respeito ao referencial, a alteridade do emissor, do receptor e do processo de comunicação. Para isso, no jornalismo, buscam-se enunciados que atestam a veracidade do fato – nomes, datas, horários, enfim, detalhes que enriquecem o texto e que contribuem para a verossimilhança da história em questão (LAGE, 1998: p. 42). Esse processo está diretamente ligado à apuração. Por fim, os compromissos ideológicos são posição tomada pelo repórter ao escolher este ou aquele termo – visando, é claro, não afetar a comunicabilidade.

A objetividade é preceito muito difundido/discutido nesta questão. Os bons manuais de jornalismo pregam a neutralidade como ferramenta imanente à linguagem jornalística. Porém, na perspectiva levantada por este artigo, acredita-se que é possível escrever uma reportagem com um quê subjetivo sem, contudo, se afastar tanto da sobriedade exigida, pois

Reproduzir o real, por intermédio da lente de aumento da imprensa, significa ser fiel aos acontecimentos, permitir que eles ganhem repercussão pública exatamente como ocorreram. Isso não exclui a possibilidade de o jornalista expressar os próprios pontos de vista (julgamento, valoração) sobre os fatos, em espaço apropriado no jornal (MELO, 2006: p.38)

Dos três pilares descritos acima surgem as formas de se apresentar uma notícia: a escrita (grafojornalismo), os signos icônicos (cinejornalismo), a oralidade (radiojornalismo) e a voz e a imagem (telejornalismo) (BELTRÃO, 1980). O jornalismo em quadrinhos, infere-se, agrega a escrita e os signos icônicos (os desenhos e a fotografia).

---

<sup>3</sup> Cf. os filmes **Todos os homens do presidente** (Título Original: All the President's Men. Produção: Walter Coblenz. Direção: Alan J. Pakula. Roteiro: William Goldman, baseado em livro de Bob Woodward e Carl Bernstein. Distribuição: Warner Bros, 1976. 1 DVD (138 min), son, color. Legendado. port.) e **O Jornal** (Título Original: The Paper. Produção: Brian Grazer e Frederick Zollo. Direção: Ron Howard. Roteiro: David Koepp e Stephen Koepp. Distribuição: Universal Pictures / UIP, 1994. 1 DVD (88 min), son, color. Legendado. port).



A união entre jornalismo e quadrinhos poderia fazer surgir outra dúvida: é real o que está ilustrado, ou é um mero devaneio artístico ilustrando um *lead*? Para dirimir tal incerteza, a fotografia se inseriria para situar a realidade ao leitor, para apresentar um recorte verdadeiro do que, a princípio, pode parecer um mero produto do *INFOtenimento* (DEJAVITE, 2006 : p. 72), algo comum na prática jornalística contemporânea:

A informação torna-se entretenimento. Vai da notícia ao espetáculo. Passa-se da ação à contemplação, da descrição à dramatização, da apresentação à construção de uma narrativa que repõe os fatos numa ordem e numa discursividade adequadas ao efeito jornalístico (SILVA, 2003: p. 104).

A fotografia foi o primeiro instrumento mecânico a registrar de forma analógica a realidade (LAGE, 1998: p.24). No caso do *jornalismo em quadrinhos*, ela não necessariamente entra em cena – vide os livro-reportagem de Sacco: não há fotos, e nem por isso deixa de ser verídico o que ele narra na obra –, mas isso não a exclui do processo constitutivo do *jornalismo em quadrinhos*, tanto que a obra *O Fotógrafo*, do trio Didier Lefèvre, Emmanuel Guibert e Frédéric Lemercier, prova ser possível e benéfica essa junção.

O *jornalismo em quadrinhos* abordado neste artigo se refere ao praticado por Joe Sacco, cais-fonte da epistemologia prática desse novo gênero jornalístico no qual o repórter é o quadrinista e uma das personagens da reportagem – função referencial da linguagem. Outra obra de referência é o livro-álbum-reportagem *O Fotógrafo*.

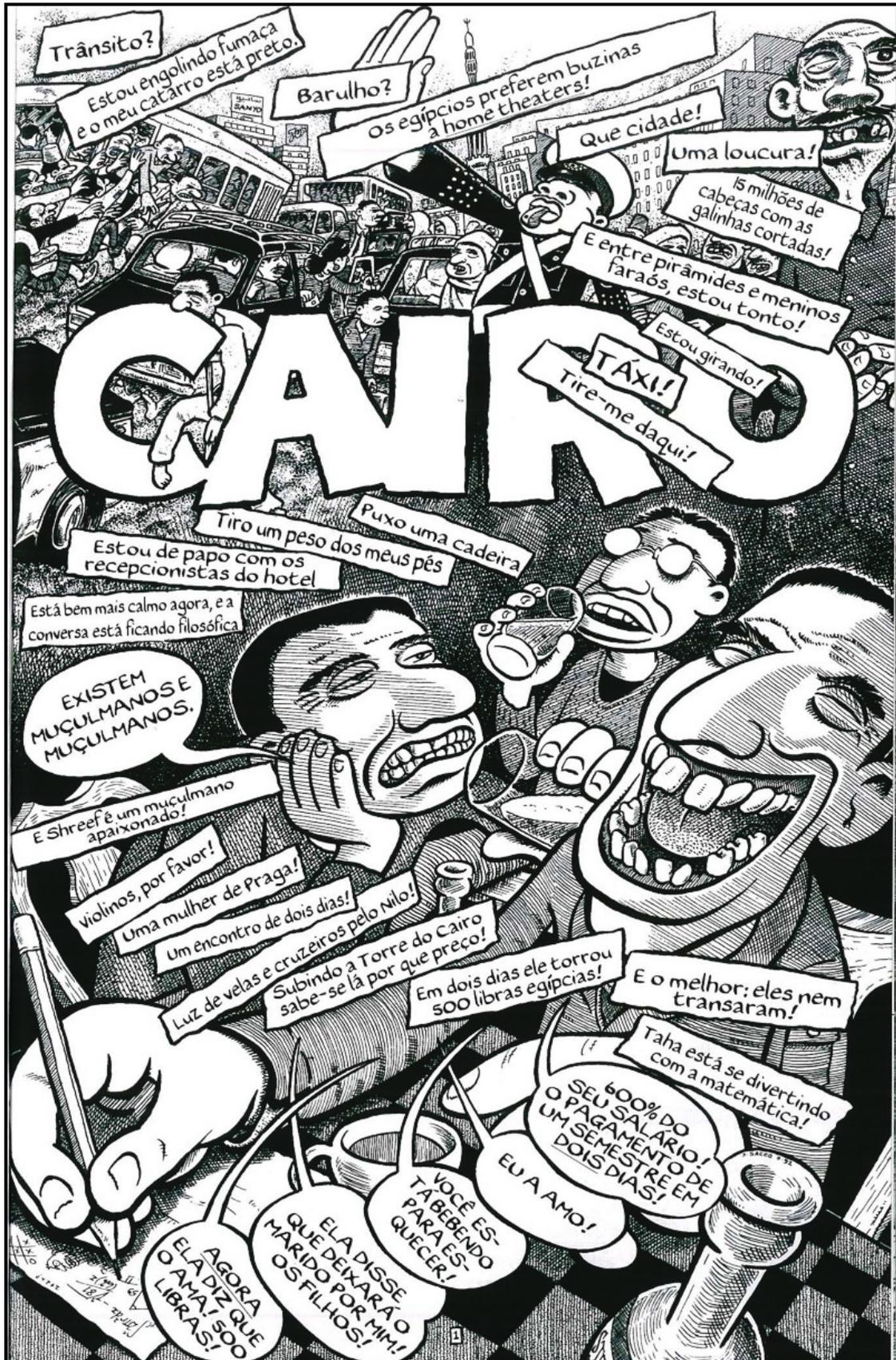


Figura 1 – Página de Palestina, uma nação ocupada: obra-mor do jornalismo em quadrinhos<sup>4</sup>

<sup>4</sup> SACCO, Op. cit., p. 01.



## **Jornalismo em Quadrinhos: Hibridismo Comunicacional**

O *jornalismo em quadrinhos* – que podemos apelidar de *JHQ* –, como já foi escrito acima, tem sua gênese em Agostini (século XIX) e aperfeiçoamento em Sacco. É evidente que eles não foram os únicos a retratarem a realidade – tendo em vista que o jornalismo usa como fonte a realidade para se erigir: Art Spiegelman se aventurara nessa arte ao lançar em 1986 o primeiro volume de *Maus* a história de uma família judaica sob a desgraça nazista<sup>ii</sup>; no ano 2000 foi a vez de Will Eisner trazer ilustrado o cotidiano da metrópole norte-americana em *New York: The Big City*; Robert Crumb – grande nome do que se convencionou a chamar de *quadrinhos underground* – também contribuiu com essa humanização dos quadrinhos ao ilustrar por um período *American Splendor*. Mas no campo do jornalismo aliado às HQs não há dúvida: o grande precursor é o maltês Joe Sacco, formado em jornalismo pela Universidade do Oregon em 1981.

Para entender e mesmo justificar essa nova linguagem jornalística, partimos do pressuposto que a missão de um jornalista é informar contando histórias e tendo em vista o bem comum. O jornalista deseja dominar as técnicas que regem a profissão para cumprir tal missão de informar a sociedade – acrescida da formação de um imaginário e da conscientização (SILVA, 2003: p. 104). Talvez Sacco não tenha criado uma técnica nova – não no que diz respeito à apuração –, mas ele re-arranjou as que estão disponíveis para produzir as versões que lhe cabem produzir. Há diferentes maneiras de se contar uma história sob a ótica jornalística – textos, infografia, tabelas, fotografia (NOBLAT, 2003: p. 37) e agora, quadrinhos.

Neste ponto tangenciamos o dito *new journalism*, que mescla elementos de ficção com a objetividade jornalística. O norte-americano Truman Capote é tido como o pai dessa vertente surgida por volta dos anos 50 nos Estados Unidos. O *new journalism* na verdade extrapola os limites do jornal impresso, dando luz ao livro-reportagem – veículo mais comum para esse novo gênero. *Hiroshima* é um exemplo, *Chatô, o Rei do Brasil*<sup>5</sup> é outro, e *Na Pior em Paris e Londres*<sup>6</sup> também não foge desse caráter literário – tanto que estampa na capa os dizeres “jornalismo literário” e traz nas páginas até um quê de jornalismo gonzo como ingrediente diferencial.

---

<sup>5</sup> MORAIS, Fernando. *Chatô, o rei do Brasil, a vida de Assis Chateaubriand*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

<sup>6</sup> ORWELL, George. *Na pior em Paris e Londres*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.



Numa reportagem *quadrinizada*, o cinema empresta os enquadramentos, o cuidado com a fotografia e uma ordem atraente de disposição das imagens. A literatura, por sua vez, auxilia com as construções gramaticais, o uso das metáforas, que inclusive se apóiam nos desenhos para ganhar mais expressividade e humor. Um livro-reportagem em quadrinhos não é tão-somente um produto-jovem a ser consumido, um livro com ornamentos P&B ou coloridos com fins mercadológicos. Ele é sim para ser vendido e consumido, mas, além de imagens, há um embasamento intelectual que legitima as ilustrações e que inclusive as re-significa.

Não se trata simploriamente de empurrar ao leitor uma *literatice* ou *invencionice* (MARTINS, 2005: p. 113), mas sim de apresentar um texto esteticamente trabalhado e atraente, conciso e claro – *bem cortado*, como diria Drummond<sup>7</sup>. Para Juremir Machado Silva (2003), a linguagem jornalística muda com o tempo, agrega elementos de uma narrativa dramática tal qual uma ficção ou novela. O JHQ agregou, no caso, elementos da arte seqüencial e das demais artes que comungam de um mesmo repertório semiológico e imagético – cinema e fotografia.

Se prestarmos atenção, os livros-reportagem têm ainda um quê das características dos documentários: poéticos, expositivos, observativos, participativos, reflexivos e performáticos (NICHOLS, 2005). O livro-gibi-reportagem de Sacco – *Palestina, Uma Nação Ocupada* – abarca três dessas classificações de documentário – observativo, participativo e poético, sendo esta “hábil em possibilitar formas alternativas de conhecimento para transferir informações diretamente, dar prosseguimento a um argumento ou ponto de vista específico ou apresentar proposições sobre problemas que necessitam solução (NICHOLS, 2005: p. 138).

Outro ponto que merece destaque: Sacco participa das histórias. Ele se desenha e se insere como um personagem do que está sendo descrito a lápis. Assim, uma das questões que pode surgir na confecção da reportagem em quadrinhos é o caráter subjetivo, que se evidencia desde o traço do jornalista-ilustrador à participação deste no enredo apurado. É a função emotiva da linguagem:

A mensagem organiza-se, centralmente, na posição do emissor, marcado pelo traço indicial do pronome em 1ª pessoa, ao mesmo tempo que envia seus sentires, lembranças, expressões (...) A função emotiva implica, sempre, uma marca subjetiva de quem fala, no modo como fala. (CHALHUB, 2002: p. 17-18)

---

<sup>7</sup> É atribuída ao poeta Carlos Drummond de Andrade a frase “Escrever é cortar palavras”.



Conexões entre fatos presentes e passados são feitas na interpretação da realidade descrita, e o olhar crítico do jornalista faz a diferença. No caso de Sacco, por mais pessoal que pareçam seus quadrinhos, o leitor percebe que não há uma visão hermética do fato, e sim a forma como ele – literalmente – desenha o que apurou. Não se tenta em nenhum momento esconder o olhar do repórter ou a sua participação e envolvimento.

É aqui que entra o elemento reflexivo presente nos documentários: o narrador torna-se parte integrante da paisagem, uma espécie de metalinguagem ilustrada que se altera no decorrer da narrativa numa espécie de catarse reflexiva sobre sua própria condição. Há exatidão no que está ilustrado? Sim, com certeza. As hachuras e a mixórdia dos quadrinhos são precisas no que se propõem reportar. Porém, os traços ou mesmo as fotografias que possam ser usadas como elementos significativos; o texto e a interpretação do jornalista; tudo não suscita uma verdade, e sim uma *versão*.

Parafraseando Nelson Rodrigues: *não existe a vida como ela é*, e sim como eu a vejo, como Sacco a vê e como qualquer outra pessoa a vê. O teor idiossincrásico é imanente à construção da reportagem a ser retratada em quadrinhos: mais uma versão da realidade, não a verdade pura e absoluta. Esta questão esbarra, além da objetividade, na técnica adotada pelo repórter. E como diz Juremir Machado da Silva (2003): o jornalista, na relação existente entre objetividade e subjetividade, “tem o seu imaginário formatado pela técnica jornalística”.

No mutante cenário sociocomunicacional, tais livros-reportagem evidenciam a própria diferença ao apontar para a identidade do jornalismo como o conhecemos e como o vemos, o assistimos ou o ouvimos. O JHQ sentencia por meio de ilustrações e fotografias *Je est un autre*<sup>8</sup>, e se afirma como construção ímpar, apesar – e justamente por isso – de se edificar por algumas *regras* do jornalismo tradicional e das linguagens em questão. O JHQ se apressa em exibir o experimentalismo próprio das artes, sem, contudo, perder de foco o jornalismo. Como bem define Santaella:

O experimentalismo com a linguagem constitui-se em uma característica marcante das artes de vanguarda. Entretanto, não se trata de um privilégio das vanguardas, pois o experimentalismo é reencenado sempre que o artista se vê diante de um novo meio de produção de linguagem e propõe-se como tarefa encontrar a

---

<sup>8</sup> “Eu é um outro”, como disse Rimbaud. O JHQ ganha então um caráter rimbaudiano: múltiplo, variado, móvel, fragmentado.



linguagem que é própria do meio. Além disso, deve-se notar que o experimentalismo formal não ocorre apenas dentro do universo das artes, mas também no dos meios de comunicação (SANTAELLA, 2005, p. 33).

Longe da discussão da morte ou não do jornal impresso, o que se propõe com o JHQ é apresentar um assunto de uma maneira alternativa. Não entremos no mérito de ser um atrativo aos jovens mirando conquistá-los devido à, já anunciada, morte do jornal impresso. Não se trata da criação de um subterfúgio. Porém, ressalta-se que o entendimento do JHQ passa pela ampliação do *fetichismo da mercadoria*, na qual esta ganha importância enquanto imagem, e o cotidiano, como espetáculo (MARTINO, 2005: p. 42).

Mas este espetáculo não ganha ares de explorar o grotesco ou a violência pura e simples, está mais para denunciar<sup>iii</sup>. O JHQ não é feito pensando num público juvenil, e sim com a mesma preocupação com a qual é feita uma reportagem nos moldes tradicionais, seguindo os mesmos preceitos que é exigido na prática jornalística. Como bem lembra McCloud: “Palavras e figuras juntas são consideradas, na melhor das hipóteses, uma diversão para as massas; na pior das hipóteses, um produto do comercialismo crasso” (MCCLOUD, 2005: p. 140).

Qual a diferença de *Palestina, uma nação ocupada* para *Rota 66*, de Caco Barcelos? É basicamente o uso de distintas linguagens: Barcelos usa o texto verbal e Sacco, o visual e o verbal. Ambos seguem o que dita a prática jornalística na apuração – entrevistas, o olhar crítico do repórter, o cuidado com o texto –, mas constroem de formas distintas a reportagem.

A junção de linguagens não se afasta dos registros de linguagem, do processo de comunicação e dos compromissos ideológicos descritos por Lage (1998). No que se refere aos registros de linguagem, os quadrinhos se apropriam das gírias, dos cacoetes e do coloquialismo que aproxima a reportagem do cidadão comum. Neste jogo entre função referencial (a objetividade do jornalismo) e a função poética (a subjetividade do repórter), o imaginário se vinga da linguagem verbal e re-assume seu posto de comunicação primária.

McCloud (2005) cita como exemplo o fato de os primeiros livros terem mais imagens que palavras. Na sociedade contemporânea as imagens criam a necessidade de se relacionarem com o homem. Houve um período em que os livros de verdade eram aqueles calhamaços de palavras, parágrafos e sentido(s), sem figuras. Essa ideia, porém,



foi diluída com a TV e a Internet. E, no JHQ, as imagens ganham nova relevância – tendo em vista que o dito jornalismo sério é feito com palavras e fotos bem enquadradas. Parafraseando a propaganda de refrigerante: imagem é tudo.

A imagem mediática está presente desde o berço até o túmulo, ditando as intenções de produtores anônimos ou ocultos: no despertar pedagógico da criança, nas escolhas econômicas e profissionais do adolescente, nas escolhas tipológicas (a aparência) de cada pessoa, até nos usos e costumes públicos ou privados, às vezes como ‘informação’, às vezes velando a ideologia de uma ‘propaganda’, e noutras escondendo-se atrás de uma ‘publicidade’ sedutora... A importância da ‘manipulação icônica’ (relativa à imagem) todavia não inquieta (DURAND, 1998: p. 33)

A função fática da linguagem se mostra no exercício de Joe Sacco em sempre pensar a mensagem no e para o canal – o livro-reportagem ilustrado, o gibi<sup>9</sup>. Sacco ainda faz uso da função metalingüística, já que uma “mensagem de nível metalingüístico implica que a seleção operada no código combine elementos que retornem ao próprio código” (CHALHUB, 2002: p. 49). Assim, percebemos que uma obra do jornalismo em quadrinhos se constrói não aleatoriamente: as funções referencial, poética, fática e metalingüística alicerçam a construção imagética livro-reportagem.

Uma das linguagens usadas por Sacco foi a cinematográfica-televisiva. Como exemplo prático dessa utilização podemos citar os planos – descritos em forma de quadrinhos por Marcel Gotlib<sup>10</sup>: plano geral: situa o cenário geral e o personagem; plano médio: focaliza a personagem apenas mostrando-o de corpo inteiro; plano americano: aproxima mais a personagem cortando-o no meio da perna; primeiro plano: mostra o rosto; plano de corte (ou *insert*): chama a atenção para um detalhe.

As discussões que hoje permeiam a prática jornalística passam à margem das formas como ela é pensada – tema deste artigo. É como se o jornalismo já estivesse tão presente no dia-a-dia que passou a precisar desta alteridade (a HQ) para exibir alguma novidade em sua forma de ser concebido. Teorizar uma prática jornalística suscita discutir a epistemologia da profissão com um olhar atento à linguagem em si – e entendemos aqui o termo linguagem como representação do mundo, um simulacro da realidade (FURTADO, 1986: p. 132).

---

<sup>9</sup> Basta conferir a página 121 de *Palestina...* e verificar o teor fático da linguagem usada por Sacco.

<sup>10</sup> Cf. referências bibliográficas.



## Conclusão

O que se pretendeu neste artigo foi produzir uma abordagem teórica para a prática desse novo gênero jornalístico que é o JHQ, sem contudo ter a pretensão de tecer verdades absolutas sobre o tema – tanto pela falta de uma bibliografia específica como pelo fato de se tratar de uma linguagem nova e híbrida, sujeita a agregar novos suportes comunicacionais. Admite-se que para a produção diária das notícias, essa proposta é difícil e quase que inviável, pois seria preciso adaptar novos horários de fechamento das edições ou mesmo adotar o caráter *taylorismo-fordismo*. O dia-a-dia e as céleres exigências impostas ao fazer jornalismo não comportam o JHQ, que pela natureza detalhada ele exhibe não possibilita a completude de uma satisfatória confecção jornalística<sup>11</sup>.

*Jornalismo em quadrinhos* suscita uma interface entre a *art nouveau* – desenhos estilizados, composições minuciosas e senso crítico apurado – e o fazer jornalístico – com todas as suas características e exigências na construção das realidades. A convergência das comunicações com as artes sugere uma troca cultural, uma re-significação do próprio fazer jornalismo, que, aliado às novas próteses que surgem em meio ao avanço tecnológico – pelas quais necessariamente passam as manifestações culturais da humanidade (MARTINO, 2005: p. 48) –, cria uma nova forma de se noticiar um fato – e não tão-somente um artefato mercantil *kitsch*, como a princípio é fácil supor. Como bem define Furtado:

A experiência estética no interior da cultura de massa exige o pensar as relações entre as artes e as novas linguagens advindas das novas tecnologias, considerando os sujeitos e objetos presentes no processo de comunicação artística (FURTADO, 1986: p. 131).

A epistemologia dos quadrinhos se constrói na observação do que já foi feito e no que ainda pode surgir a partir de agora. Assim como demorou muito tempo para os quadrinhos imporem suas próprias convenções gráficas como linguagem universal, o

---

<sup>11</sup> Apesar disso, no dia 19 de agosto de 2007 Joe Sacco foi capa da *Folha +* da edição nº28627 do jornal *Folha de São Paulo*. A matéria-em-quadrinhos *Iraque, uma história [em quadrinhos], por Joe Sacco* mostra o que Sacco viu no Iraque quando conheceu um centro de treinamento militar dos Estados Unidos para os iraquianos. Como se vê, por mais que seja uma notícia fria, o tema é atual e pertinente, e foi publicado num periódico de grande circulação. Claro, um caderno cultural – talvez pelo caráter artístico da obra, talvez pelo fato de ainda existir uma idéia de que uma reportagem nesses moldes não cabe no caderno *Internacional* ou de *Cidades* de um jornal. Não é o caso de entrarmos no mérito da linha editorial do jornal em questão, mas sim observarmos a inserção do jornalismo em quadrinhos também num veículo diário.



JHQ exigirá tempo para estabelecer um padrão – se é que isso é possível ou mesmo se é a questão.

Trata-se de um fluxo semiótico no qual há uma junção de diferentes linguagens que se entrelaçam e que apontam para diferentes possibilidades de abordagem jornalística e de produção de sentido. O JHQ é um devir jornalismo-HQ, um devir foto-HQ ou foto-jornalismo – que não é devir, na verdade –, e cada um destes devires assegura a desterritorialização de um dos termos e a reterritorialização do outro, “os dois devires se encadeando e se revezando segundo uma circulação de intensidades que empurra a desterritorialização cada vez mais longe” (DELEUZE, GUATTARI, 2006: p. 19). Trata-se, enfim, de uma simbiose em que há mediações experimentais entre comunicação e artes.



## Bibliografia

- AMARAL, Luís. **Técnica de jornal e periódico**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1969.
- BORDENAVE, Juan E. Diaz. **Além dos meios e mensagens** – introdução à comunicação como processo, tecnologia, sistema e ciência. 6ª edição. Petrópolis: Editora Vozes Ltda, 1983.
- CHALHUB, Samira. **Funções da linguagem**. São Paulo: Editora Ática, 2002.
- CIRNE, Moacir da Costa. **A linguagem dos quadrinhos** – o universo estrutural de Ziraldo e Maurício de Sousa. Petrópolis: Editora Vozes Ltda, 1975.
- \_\_\_\_\_. **Para ler os quadrinhos: da narrativa cinematográfica à narrativa quadrinizada**. Petrópolis: Editora Vozes Ltda, 1972.
- DEJAVITE, Fabia Angélica. **INFOtenimento: informação + entretenimento no jornalismo**. Série comunicação e cultura. São Paulo: Paulinas, 2006.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Tradução de Aurélio Guerra e Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.
- DORFMAN, Ariel e Armand Mattelart. **Para ler o Pato Donald: comunicação de massa e colonialismo**. 2ª edição. Rio de Janeiro : Editora Paz e Terra, 1980.
- DURAND, Gilbert. **O imaginário: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem**. Tradução Renée Eve Levié. Rio de Janeiro: DIFEL, 1998.
- FURTADO, Fernando Fábio Fiorese. **Estética e comunicação de massa: uma introdução**. Revista de Biblioteconomia & Comunicação. Porto Alegre, Vol. 1, n. 1, p. 131-141, jan/jun. 1986.
- GOTLIB, Marcel. **Linguagem cinematográfica**. Revista Piauí. São Paulo, vol. 01, nº 10, p. 68-69, jul. 2007.
- IANNONE, Leila Rentroia; IANNONE, Roberto Antonio. **O mundo das histórias em quadrinhos**. Ilustrações de Marco Perassollo. São Paulo: Moderna, 1994.
- LAERT. **Laert**. LAERT. Zupi. Zupi Design e Editora Ltda. São Paulo: 2007
- LAGE, Nilson. **Linguagem jornalística**. 6ª edição. São Paulo: Editora Ática, 1998.
- LUYTEN, Sônia M. Bibe (Org.) **Histórias em quadrinhos**. São Paulo: Edições Paulinas, 1984.
- MARTINO, Luís Mauro Sá. **Comunicação: troca cultural?** São Paulo: Paulus, 2005.
- MARTINS, Franklin. **Jornalismo político**. São Paulo: Contexto, 2005.
- MCCLLOUD, Scott. **Desvendando os quadrinhos**. São Paulo: M. Books do Brasil Editora Ltda, 2005.
- MELO, José Marques de. **Teoria do jornalismo: identidades brasileiras**. São Paulo: Paulus, 2006.
- NEVEU, Érik. **Sociologia do jornalismo**. Tradução de Daniela Dariano. São Paulo: Edições Loyola, 2006.



NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. Tradução Mônica Saddy Martins. Coleção Campo Imagético. Campinas, SP: Papyrus, 2005.

NOBLAT, Ricardo. **A arte de fazer um jornal diário**. 4ª edição. Coleção Comunicação. São Paulo: Contexto, 2003.

PIGNATARI, Décio. **Informação linguagem comunicação**. São Paulo : Editora Cultrix, 1997.

SACCO, Joe. **Palestina: uma nação ocupada**. 3ª edição. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2004.

SANTAELLA, Lucia. **Por que as comunicações e as artes estão convergindo?** São Paulo: Paulus, 2005.

SILVA, Juremir Machado. **As tecnologias do imaginário**. Porto Alegre: Sulina, 2003.

## Webgrafia

---

<sup>i</sup> DUTRA, Antônio Aristides Corrêa. **Quadrinhos e jornal**: uma correspondência biunívoca.

Disponível em:

<[http://209.85.165.104/search?q=cache:RsQL757bhsgJ:www.jornalismo.ufsc.br/redealcar/anais/gt3\\_visual/quadrinho](http://209.85.165.104/search?q=cache:RsQL757bhsgJ:www.jornalismo.ufsc.br/redealcar/anais/gt3_visual/quadrinho)  
[http://www.jornalismo.ufsc.br/redealcar/anais/gt3\\_visual/quadrinhos%20e%20jornal%20-%20uma%20correspond%EAncia%20biun%EDvoca.doc](http://www.jornalismo.ufsc.br/redealcar/anais/gt3_visual/quadrinhos%20e%20jornal%20-%20uma%20correspond%EAncia%20biun%EDvoca.doc)>. Acesso 17 maior de 2007.

<sup>ii</sup> Em [http://pt.wikipedia.org/wiki/Art\\_Spiegelman](http://pt.wikipedia.org/wiki/Art_Spiegelman). Acesso: 15/07/2007

<sup>iii</sup> Para verificar o teor de denúncia basta ver a série em HQ que Sacco fez sobre as torturas na prisão de Abu Graib, disponível em <http://image.guardian.co.uk/sys-files/Guardian/documents/2006/01/20/fullsacco1.pdf>. Acesso: 22 de novembro 2006.